



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES

GUIDO COUCEIRO ELIAS

**UM IMENSO ESTRANHAMENTO COM A NATUREZA: FOTOGRAFIA E
MEMÓRIA.**

Belém - Pará

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES - PPGARTES

GUIDO COUCEIRO ELIAS

**UM IMENSO ESTRANHAMENTO COM A NATUREZA: FOTOGRAFIA E
MEMÓRIA.**

**Memorial apresentada ao programa de Pós-Graduação em
Artes, da Universidade Federal do Pará, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Artes.
Orientador: Prof. Dr. Alexandre Sequeira.
Linha de Pesquisa: Poéticas e Processos
de Atuação em Artes**

Belém - Pará

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

E42i Elias, Guido Couceiro.
Um imenso estranhamento com a natureza : Fotografia e
Memória / Guido Couceiro Elias. — 2025.
46 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alexandre Romariz Sequeira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2025.

1. Memória. 2. Acervo Familiar. 3. Fotografia. I. Título.

CDD 778.6





INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES


**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.**

Ao primeiro (1º) dia do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco (2025), às (9h30) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência do Orientador Professor Doutor Alexandre Romariz Sequeira, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Guido Couceiro Elias, intitulada: **Um Imenso Estranhamento com a Natureza: Fotografia e Memória**. Perante a Banca Examinadora, composta por: Alexandre Romariz Sequeira (Presidente), Orlando Franco Maneschky (Examinador Interno) e Marisa de Oliveira Mokarzel (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Alexandre Romariz Sequeira, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação (X)**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor Alexandre agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da banca e pela mestranda. Belém-Pa, 01 de setembro de 2025.


Alexandre Romariz Sequeira (Presidente);


Orlando Franco Maneschky (Examinador Interno);


Marisa de Oliveira Mokarzel (Examinador Externo à Instituição);


Guido Couceiro Elias (Discente).

RESUMO

Este memorial propõe uma investigação artística, poética e afetiva sobre a fotografia como dispositivo de memória familiar. A pesquisa tem como objetivo compreender como a fotografia pode funcionar como elo entre presente e passado, ativando lembranças, afetos e camadas de subjetividade a partir de imagens fixadas no tempo. A metodologia se baseia na criação artística a partir da manipulação e recombinação de imagens do arquivo pessoal, em diálogo com vivências, relatos orais, experiências sensoriais e processos de escuta e rememoração. A investigação utiliza também processos fotográficos analógicos e digitais, incorporando experimentações visuais e técnicas diversas, como a fotografia pinhole, a digitalização de negativos e a colagem de camadas visuais e simbólicas. Teoricamente, dialoga com autores como Roland Barthes, André Bazin, Susan Sontag, Marisa Mokarzel, Sigmund Freud e Eugenia Vilela, refletindo sobre o tempo, a memória, a permanência e a resignificação. O projeto adensa o vínculo entre imagem e lembrança, mostrando como a fotografia pode condensar tanto a dor do luto quanto a celebração da vida, funcionando como cápsula do tempo e veículo de afeto. Como resultado, apresenta-se uma produção poética e visual que recria a história familiar a partir de fragmentos, explorando o potencial evocativo e narrativo das imagens como matéria viva da memória e da identidade

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001.

Palavras-chave: Fotografia; memória; luto; subjetividade; acervo familiar.

ABSTRACT

This memorial proposes an artistic, poetic, and affective investigation into photography as a medium of family memory. The research aims to understand how photography can serve as a bridge between the present and the past, activating memories, emotions, and layers of subjectivity through images fixed in time. The methodology is based on artistic creation through the manipulation and recombination of personal archive photographs, in dialogue with lived experiences, oral narratives, sensory impressions, and processes of listening and recollection. The investigation makes use of both analog and digital photographic processes, incorporating visual experimentation and a variety of techniques, such as pinhole photography, negative scanning, and the layering of visual and symbolic elements through collage. The theoretical foundation engages with authors such as Roland Barthes, André Bazin, Susan Sontag, Marisa Mokarzel, Sigmund Freud, and Eugenia Vilela, reflecting on notions of time, memory, permanence, and reinterpretation. The project strengthens the bond between image and memory, revealing how photography can encapsulate both the pain of mourning and the celebration of life, acting as a time capsule and a vessel of affection. The outcome is a poetic and visual body of work that reconstructs family history through fragments, exploring the evocative and narrative potential of images as the living matter of memory and identity.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance code 001.

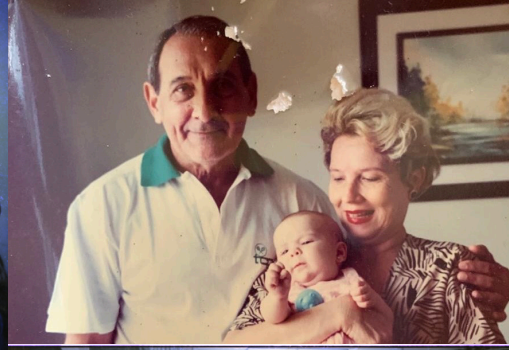
Keywords: Photography; memory; mourning; subjectivity;

Sumário

INTRODUÇÃO	10
IMAGEM FOTOGRÁFICA	19
A CRIAÇÃO	29
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	47

Fotografia 1 — Vista da exposição “Um imenso estranhamento com a natureza.” 2025.





O projeto é dedicado a minha família, em especial a minha mãe Geraldine, meu pai Agis a quem sou grato por parte da minha felicidade na vida, por me deixarem sonhar, por me darem condições de tentar por me garantirem o direito de errar e voltar atrás. Ao meu marido Luiz por acreditar que nada disso é loucura o suficiente que não se deva dar prosseguimento. A minha irmã Marina por ser o ponto de equilíbrio entre o devaneio e o real. Aos meus avós, Maria do Carmo, Geraldo, Suely e Agis, por terem me permitido viver as melhores lembranças de infância. As minhas tias avós, que foram juntas o espaço de amor sem nada em troca na minha vida, em especial Mary, Marta e Ruth. Aos meus mestres e mestras que sem eles eu não saberia qual caminho traçar, Orlando Maneschy, Alexandre Sequeira, Makiko Akao, Luiz Braga, Miguel Chikaoka, Marisa Mokarzel e também minhas mestras amigas e confidentes Leticia Carvalho e Ceci Bandeira, que nunca deixaram meu desânimo e desespero tomarem conta. A vocês tudo. Também agradeço ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior CAPES, que apoiou financeiramente via bolsa de pesquisa.



Fotografia 2 — Câmera-caleidoscópico



Fonte: acervo pessoal

INTRODUÇÃO

O primeiro brinquedo marcante muitas vezes fica guardado na memória para sempre, como uma lembrança terna e didática. Um deles, muito marcante para mim, foi uma câmera caleidoscópico. Naquele tempo mágico que a realidade se mistura com a fantasia, o meu brinquedo que me mostraria apenas a realidade através daquele pequeno espaço para o olho, mostrava algo completamente fantástico. O real, o jogo dos espelhos, tudo estava lá de alguma maneira. Esse foi o primeiro contato com uma coisa que me mostrava algo além do tempo e espaço, algo fantástico, brilhante e colorido, tal qual os sonhos e devaneios.

Tempos depois, ainda pequeno, ganhei minha primeira câmera fotográfica, um mundo de possibilidades. Nesse momento me introduzi às possibilidades da fotografia como uma experiência, criança sem muitas regras a seguir, me utilizava dessa possibilidade para diversos tipos de imagem e até mesmo com experiências em filmes de stop motion. Uma sorte tremenda ter tido essa possibilidade que só foi cada vez mais de expandindo com a troca de câmeras e a sua utilização como o mais puro brinquedo. Claramente não eram câmeras altamente sofisticadas, muitas vezes tinha em mãos câmeras de aparelhos como os famosos mp5 que durante metade dos anos 2000 tomaram conta como “gadgets” multifuncionais que para uma criança já quase adolescente, trazia uma gama de possibilidades pouco imaginada em outros momentos. Seria quase que o predecessor dos aparelhos de smartphone atuais. Porém essa liberdade infantil trouxe muitas possibilidades de imagens tanto fotográficas como de vídeo. A facilidade que vem junto ao digital para se ter acesso a essas imagens também moldou muito o jeito de lidar com a fotografia. Algo instantâneo e quase infinito, uma relação bastante instintiva com a fotografia, sem muito pensamento premeditado, esse foi meu primeiro contato com a arte da fotografia e com a vocação para tal atividade, de forma muito lúdica e ilimitada, um verdadeiro paraíso para a imaginação e criatividade, com mil possibilidades e histórias a serem contadas e recontadas ao próprio interesse.

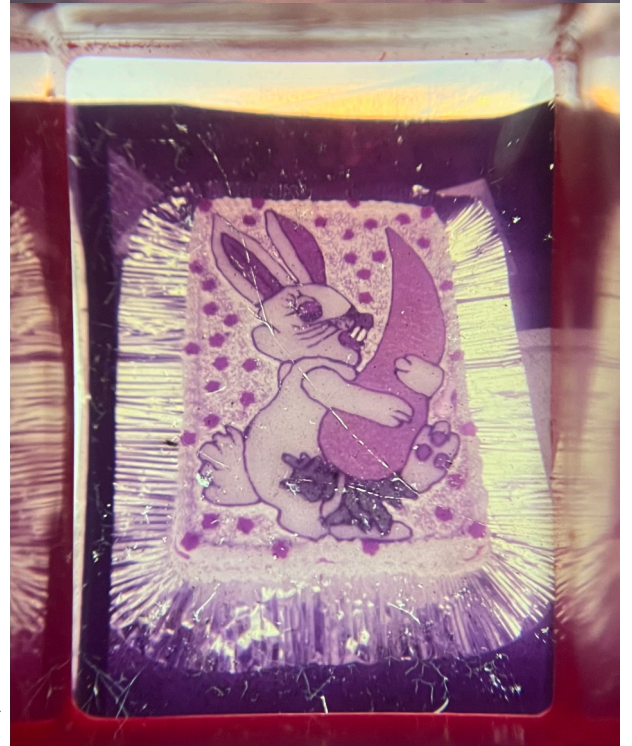
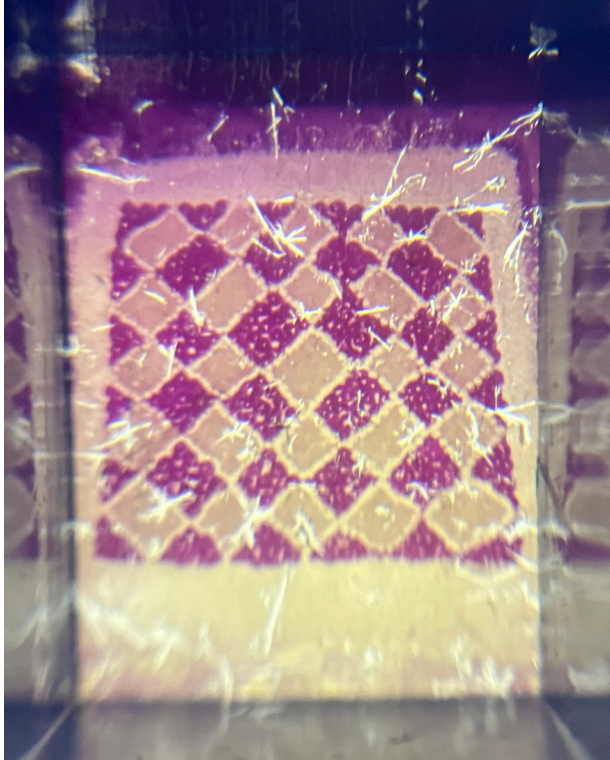
Já a fotografia como objeto, a foto em si, o papel emulsionado e registrado para todo o sempre, esteve e está presente na minha vida tão cedo quanto a primeira lembrança. Sempre vivi rodeado por fotografias, grandes, pequenas, recentes ou as mais antigas possíveis. Sempre tive esse privilégio de ver como meus ascendentes se pareciam, como eu, de certa forma, cheguei até aqui, ao passar dos anos. Sempre foi algo natural, beirando o banal, exceto quando se tratava de uma polaroid, a tão preciosa polaroid da minha avó, com bordas de desenho animado, saindo diretamente de uma caixa, a nossa imagem. A mágica só foi se tornando cada vez maior e cada vez mais real, e ainda assim muito mágica.

Também me acompanhou e me encantou os monóculos, aqueles pequenos objetos que nos levam para outros lugares, e no meu caso, mais especial ainda, pois tratavam-se de monóculos com um tema muito bem definido: comida, bolos, doces, tortas salgadas. Era a coleção de fotos que minha tia avó mostrava para suas “freguesas” como ela dizia. A experiência me levava para uma outra época e ao mesmo tempo me lembrava de dias festivos, claro, os pratos que estavam dentro daqueles pequenos objetos muitas vezes faziam sua aparição em datas comemorativas de família, não tão rosados (dado o fato daquelas fotografias estarem sempre nesse tom puxado para esse tom, de filme colorido antigo). Sempre foi mágico, de todos os lados, algo indecifrável.

Na minha trajetória, por afinidade, fui buscando meios em que pudesse desenvolver essa ideia mais crítica com a fotografia, um ponto importante foi a oficina “de olhos vendados”, com o fotógrafo Miguel Chikaoka, foi quando cada vez mais percebi que a fotografia não é apenas aquilo que vemos e sim algo muito maior, mais profundo, por assim dizer. Mas me afirmei mesmo como fotógrafo em 2017, quando participei de uma imersão criativa com o fotógrafo Luiz Braga, que muito me apoiou no meus devaneios de criar uma fotografia a mais. Mestres que tive o privilegio de contar no meu caminho.

Outros momentos importantes foram os primeiros contatos com o fazer analógico, é intrigante para quem se fez no digital perceber que um tubo de cano com um micro buraco possa gravar a imagem de forma ainda mais telúrica, essa foi a experiência que tive ao entrar em contato com a fotografia Pinhole, e em carreira com as técnicas analógicas de revelação etc.

O encantamento com a fotografia foi sempre bastante relevante nessa relação e cada vez mais foi se tornando forte e imprescindível. Nos primeiros momentos, tive contato com a fotografia digital e seu mundo praticamente ilimitado e extremamente rápido. Tudo possível ao mesmo tempo algo instantâneo e instintivo, não parava muito para pensar em como aquilo se dava na minha frente, ou mesmo o que eu queria com aquele clique, aquele enquadramento, nem mesmo se ia rever aquela imagem algum outro momento, e mesmo assim, tudo me encantava, mesmo com uma relação quase de “fast fashion” onde o que é criado, é consumido e muitas vezes descartado de forma rápida, sem maiores reflexões, mesmo assim a fotografia me capturou arrebatadoramente. Porém foi com o contato com a fotografia analógica e todo o seu tempo de produção que comecei a refletir mais sobre a produção, sobre o mecanismo para tudo funcionar.



Fotografia 3 —

Conjunto de imagens dos monóculos de bolos.

Fonte: Acervo pessoal.

O pontapé para entrar nesse mundo dos químicos se deu em um pinhole day da Associação Fotoativa em 2017. De modo breve, o pinhole day é o dia mundial da fotografia pinhole, conhecida como fotografia em caixa de fósforo ou caixa de sapato etc. que acontece no último domingo de abril, no mundo inteiro. Umã comemoração internacional da fotografia artesanal, que aqui em Belém, é sediada pela Associação Fotoativa, espaço criado em 1984 no contexto da abertura política do Brasil, tendo como participante expoente o fotógrafo Miguel Chikaoka. O pinhole se apresenta para mim como a mais crua forma da fotografia, em que tudo ainda sim é possível mas de forma muito “regrada”, não tinha mais a infinidade de cliques bem como a impossibilidade de ver o quadro imediatamente. A experiência me abriu uma percepção de fotografia muito mais voltada ao tempo, escolha e materialidade que a minha experiência primaria. Após esse primeiro contato com a Fotoativa e a possibilidade de novas formas de fotografia, fui investir em mais cursos e formações nesse sentido da fotografia expandida, a qual o tempo e a luz traçam o caminho a se seguir. Foi então que iniciei no curso “De olhos vendados” do artista Miguel Chikaoka, momento muito especial na minha formação, momento em que prossigo com o adensamento na minha fotografia e produção, não mais com a ideia da instantaneidade mas com o suporte teórico e filosófico apresentados pelo Chikaoka, em que a luz se mostra como elemento que guia a fotografia (MOKARZEL, 2014. pp. 20) não mais e apenas tendo como guia o instinto e a rapidez da câmera digital.

Cresci ao mesmo tempo que a tecnologia da câmera digital, cada vez mais a fotografia se tonou algo banal, corriqueiro e muito automatizado. Meu pai, fotógrafo amador, herdou essa atividade do meu avô que sempre gostou de experimentar as tecnologias mais recentes. E eu, por consequência, fui herdando uma câmera atrás da outra, e descobrindo assim o meu lado mais envolvido com a fotografia e a arte.

Ao mesmo tempo, as redes sociais, em especial o Instagram, iam se tornando algo rotineiro e preenchendo o meu lado fotógrafo com um público conhecido, além de experiências, fotografias de celular, fotoclubes etcetera. Nesse momento tive uma relação mais profunda com a fotografia, que passou de uma atividade quase infantil para algo que já contava com um saber crítico mesmo que incipiente e um saber técnico. Desse momento em diante a fotografia deixou de ser uma mera brincadeira para se tornar um lugar conceitual importante na minha vida. O lugar de expressão e de paixão, onde eu conseguia demonstrar diversas faces minhas as quais nem eu mesmo tinha conhecimento, foi nesse contexto que a fotografia me levou à arte propriamente dita, ao desejo de artista, às experiências mais densas e o pensamento mais profundo acerca do que eu estava fazendo, a ponto de me levar para a graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará.

No contexto da universidade, o arcabouço teórico, referencial tanto de de autores como de imagens e obras se intensificou na minha formação, por óbvio a universidade trouxe uma gama de possibilidades a serem descobertas e experimentadas de maneira que nunca antes tinha tido acesso. Graças a essa escolha, tive a oportunidade de viver as diferentes formas de expressões artísticas, passeando pelo desenho, pela pintura, pela fotografia, pela escultura, pelo digital e muitos outros suportes físicos ou não. Esse leque de possibilidades somou ainda mais ao meu fazer fotográfico, com experiências de múltiplas linguagens em uma só. Uma obra multimídia que não se resolve apenas em um clique mas sim com muita reflexão. Também na UFPA, tive meu primeiro contato com a pesquisa, o qual hoje se desemboca aqui neste mestrado. Foi com o professor Orlando Maneschy que adentrei ao mundo da pesquisa a partir da Coleção Amazoniana de Artes da UFPA.

A Coleção Amazoniana, fora criada a partir do esforço coletivo encabeçado pelo professor Orlando, no início dos anos 2010, esforçou esse que de tão bem sucedido, ganhou o prêmio da FUNART Marcantonio Vilaça, o qual deu a oportunidade da Amazoniana se expandir ainda mais e se tornar o que é hoje, uma referência em coleção de arte contemporânea, com diversos secções, como a de artes visuais, de moda, com vasta produção do estilista André Lima, a secção Design e o [Arquivo] a qual tive o privilégio de participar oficialmente durante 3 anos mas informalmente até hoje.

O [Arquivo] da coleção Amazoniana me trouxe a noção sobre acervos e sua manutenção e manuseio, de suma importância para o que se sucedeu na minha pesquisa deste mestrado. A noção de que muito mais do que se pensa é válido à análise. Perceber que o mais simples pode ter um significado infinito, de importância preciosa para diversas interpretações, análises é contextualizações. A partir disso que consegui adentrar e perceber o que eu tinha em mãos relacionado a minha historia, com diversas fotografias familiares, objetos muito particulares que contam histórias desde antes da minha existência e que remontam uma trajetória complexa que me formou até aqui. Essa sensibilidade para com o material foi de grande valia para essa pesquisa. Pequenos objetos, textos antigos, imagens centenárias, tudo é válido para uma interpretação quase fabular sobre uma historia que não se pretende falar do certo e errado, do real ou irreal. Sem compromissos preditos mas apenas sensível ao que se vê, se conta e se interpreta.

Mas a fotografia ganhou um ar mágico mesmo quando me vi na situação do luto. O luto me levou para um estado de profunda tristeza, como é de se imaginar, mas de contato intenso com o passado.

O primeiro luto mais impactante foi da minha avó, a mesma que me presenteou com o brinquedo de câmera caleidoscópico, que me registrou na polaroid e em diversos filmes negativos. A morte dela além de causar um imenso estranhamento com a natureza, me trouxe para o que hoje eu acredito ser o maior poder da fotografia, o de congelamento e de portal para um mundo imaginário do passado. O elo da lembrança com o aqui e agora. Com a morte da minha avó, o que ligava a família foi junto, algo que acontece tantas vezes. Sobrou na sua antiga casa, fotografias, filmes negativos, uma herança das mais preciosa e ao mesmo tempo a mais descartada. Em meio a partilha judicial, as memórias físicas ficaram de lado, aquilo que pra mim eram portais, o que me identificava, não tinha mais valor que uma quantia de reais. Ninguém quis, não foi pauta de divisão ou de barganha. Por sorte sobrou para minha mãe e conseqüentemente para mim. Prato cheio.

Depois vieram outros lutos, tão intensos. Com o tempo virei o fiel fiduciário das fotografias. Fiquei com monóculos de viagem da minha tia avó freira. Com os monóculos dos pratos que nunca mais foram replicados e claro, também busquei cada vez mais aumentar esse acervo familiar. A possibilidade de recontato com essas imagens e conseqüentemente com esses momentos, não apenas os representados ali mas os que se sucedem a partir de um gatilho da imagem. Diversas tardes com meu primo e minha tia avó olhando os bolos presentes nos monóculos.

Fotografia 4 — Imagens dos monóculos de viagem.

Fonte: Acervo pessoal



Fotografia 5 — Tia (Irmã) Marta encontrando com Papa João Paulo II em uma viagem ao Vaticano.

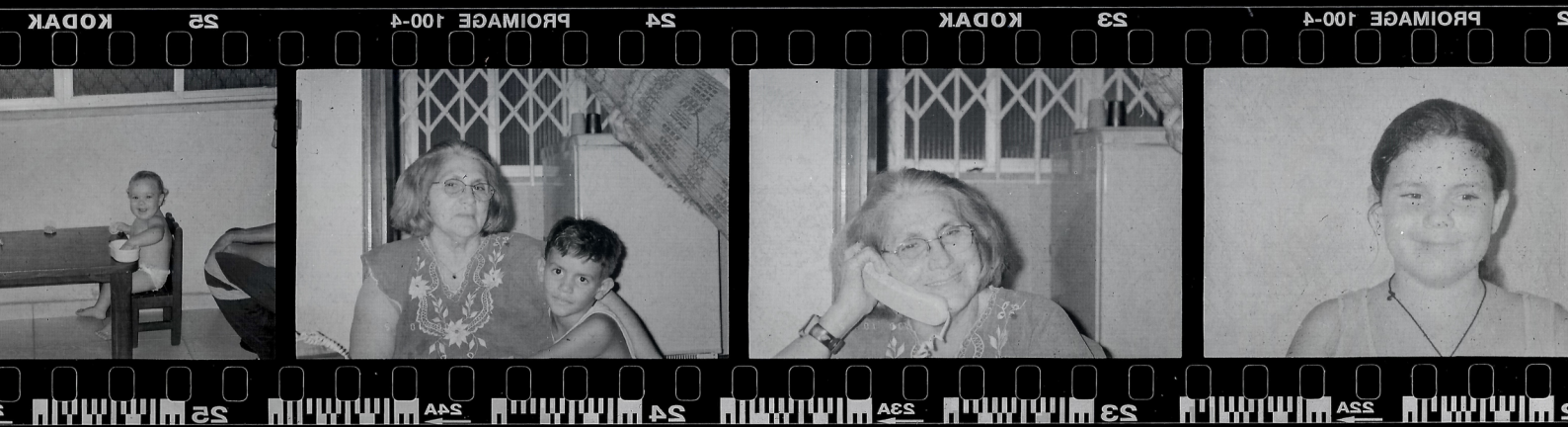
Fonte: Acervo pessoal.

As histórias das viagens da minha tia, e as histórias contadas. Todas essas particularidades existentes em uma ou várias imagens. Além disso, alguns registros sejam em vídeos, áudios ou escritos se juntam com as fotografias criando quase um ambiente imersivo nas memórias. São assim diversas formas de contato com o que já foi. Esse contato que muitas vezes pode ser até doloroso, faz parte do espectro do amor. Esse mestrado, antes de tudo, se presta a falar do amor, do amor familiar, do amor da labuta. Esse sentimento tão caro é se não o mais importante mas o que me move a fazer minhas experimentações e reflexões sobre algo que de algum modo me abraça e me ataca. Me traz uma plena felicidade como um carinho na manhã de sábado ao paço que também é cortante quanto o último suspirar. A vida e a morte estão presentes de forma equilibrada nas imagens tanto as reunidas quanto as criadas, segue sendo uma ode ao amor e a vida, a memória e história do que passou e do que pode vir a ser.

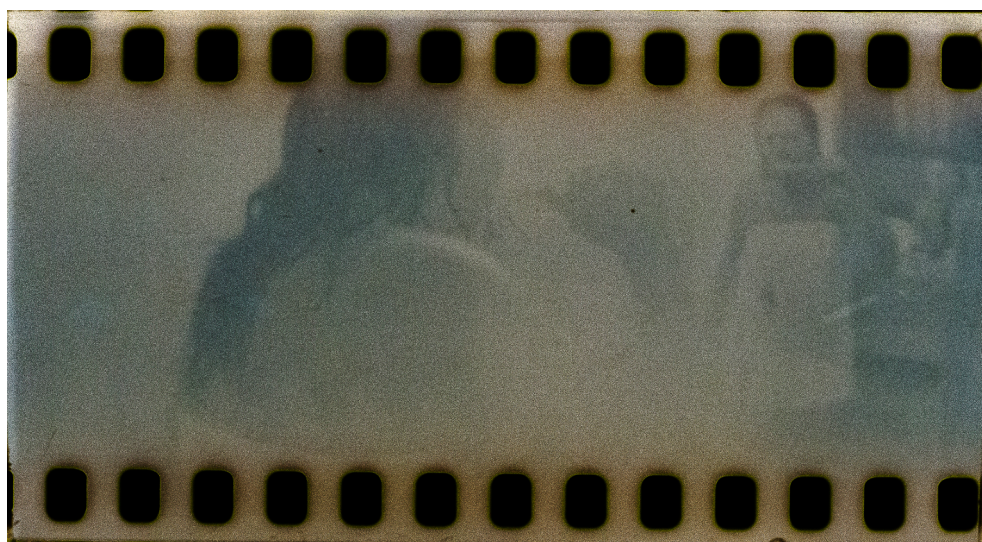
Esse projeto não se pretendeu ser uma árvore genealógica, muito pelo contrário, não se busca aqui uma ordem linear de algo, afinal *a lembrança se desbota no tempo* e escorre, as fotografias se ressignificam e nunca mudam.

A fotografia ocupa esse lugar mais lúdico na minha vida, e com o tempo até foi ocupando um local mais profissional com tentativas de criar um estúdio fotográfico, mas o significado que esse fazer representa pra mim foi o suficiente para não conseguir lidar de forma mais fria que seria necessário para poder levar a diante o fazer profissional. Me restou eu com as minhas fotografias e experimentos, reflexões, sobreposições de momentos distantes mas ao mesmo tempo que acrescenta ao outro.

Esse projeto nasceu dessa observação que nem tudo que está colocado de forma linear e cronológica está pleno de sentido quando se tem a lembrança como referencial primário. A ordem deixa de ser fundamental para que o sentimento tome a dianteira e nos leve para momentos mais profundos. As imagens aqui desenvolvidas, para além de um registro processado particular, pode representar símbolos compartilháveis a todos que por sorte tiveram uma família amorosa e que deixou com o tempo marcas de amor, de alegria, também algumas vezes de tristeza e de saudade.



Fotografia 6 — Filme negativo com fotografias da “Mainha”.
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 7— Filme negativo revelado com Caffenol.
Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia 8— Filme negativo com fotografias de viagem.
Fonte: Acervo pessoal.



. A IMAGEM FOTOGRÁFICA

As relações possíveis entre a fotografia e a memória (lembrança) estão postas desde antes até do surgimento da primeira, quando pensamos em sua utilização que por muito tempo foi a mais usual da técnica: o retrato. Isso porque desde os primórdios da arte, em especial da pintura, o retrato já se valia da função de fixação de um pessoa, seja essa um faraó, um nobre ou um burguês.

Nesse sentido, a fotografia, a partir de sua popularização, tornou-se um elemento indispensável (a câmera) em muitas casas. Como reflete Susan Sontag (2004) “cada família constrói uma crônica visual de si mesma” a partir das inúmeras imagens geradas, muitas vezes sem muita precedência, apenas com o intuito de guardar determinado momento.

Mas diante do fato que vivemos em um mundo rodeado de imagens, o tempo todo, quase exaustivamente, ainda é possível resgatar a partir de fotografias, momentos passados e quisistos a serem guardados de alguma forma da invariável dissipação do tempo?

Esta seria não apenas uma possibilidade mas sim a intenção maior quando se pensa no ato de fotografar, mesmo atualmente, quando pensamos na fotografia digital, amplamente difundida. Afinal qualquer smartphone, nesses anos 20 do século XXI possui uma câmera. Mas em contraste com o mais antigo dos atos de retratar, na atualidade essa ação não está mais ligada apenas às classes dominantes, a quem o retrato sempre foi muito caro, tendo a função de expressar toda sua distinção das classes populares.

A memória, no sentido de lembrança segundo Eugenia Vilela (2012) está associada a um fato ocorrido no passado e recordado a partir da memória, tomando isso como ponto de partida, a ação de lembrar é algo que tenta recriar o passado sem poder jamais atingir a perfeição do momento recordado, isso porque, ainda segundo Vilela, a memória ou lembrança recria com elementos subjetivos o fato ocorrido. Sendo assim, remontar o que foi um dia se torna um jogo do fato e da subjetivação, criando uma narrativa possivelmente fictícia baseada em fatos reais. A lembrança traz a possibilidade de ressignificar e de recriar significados e pessoas a partir do tempo dissipado desde a sua vivência.

Por outro lado, na fotografia, a partir do quadro escolhido, tudo está lá, considerando ela, uma imagem indicial (BAZIN, 1991), sem adentrarmos nas imagens alteradas, seja analogicamente, seja digitalmente.

Se considerarmos a fotografia, ontologicamente, poderemos acreditar, citando Roland Barthes(2015), que “nela o acontecimento nunca se transforma noutra coisa”, atrelando a ela então a “mágica” de congelar o tempo, guardar o momento desejado preservado da infalível corrupção da memória pelo seu distanciamento temporal. Nesse sentido a fotografia se torna um marcador do que fora, uma prova de quem algo ou alguém esteve em determinado momento do tempo aqui ou ali. Reafirma assim a vida e morte de uma pessoa, deixando “claro” que ela esteve em determinado momento aqui.



Fotografia 9– Fotografia da década de 1920. Esquerda para direita de cima para baixo: Bisavó Matilde, Bisavó Miguel, Tio trisavô Salim e tia-avó Maria.

Reafirma assim a vida e morte de uma pessoa, deixando “claro” que ela esteve em determinado momento aqui.

Considerando essa condição da fotografia, deixando de lado mais uma vez suas possíveis alterações intencionais, quando vemos uma foto de algum parente, se próximo, provável que o reconheceremos, dependendo de quão distante do nosso referencial de quem seja essa pessoa a fotografia está, no âmbito temporal. Quando vejo a possível fotografia mais antiga pertencentes à minha família, vejo minha tia avó com quem convivi por anos em vida. Nela a tia Maria aparece na sua mais primária infância, por voltar dos seus primeiros 3 anos de idade. Apensar desse vínculo direto com aquela imagem, ele só se dá com uma informação adicional, acrescentada pela irmã dessa fotografada, que me confirma assim quem a criança na imagem é minha tia avó mais velha, a qual só teria a possibilidade de reconhecer se a fotografia fosse de maneira temporal mais próxima do que eu vivi. Mas aí está a “função maior” da fotografia, guardar um momento de forma incorruptível ao tempo.

Abordando André Bazin, também podemos considerar as imagens fotográficas como algo atrelado à realidade:

Daí o fascínio das fotografias de álbuns. Essas sombras cinzentas ou sépias, fantasmagóricas, quase ilegíveis, já deixaram de ser tradicionais retratos de família para se tornarem inquietante presença de vidas paralisadas em suas durações, libertas de seus destinos, não pelo sortilégio da arte, mas em virtude de uma mecânica impassível; pois a fotografia não cria, como a arte, eternidade, ela embalsama o tempo, simplesmente o subtrai à sua própria corrupção. (BAZIN, 1991, p.24)

De tal modo que essa relação quase direta, faz com que a fotografia contenha em si própria a realidade. Para Bazin, a fotografia paralisa o tempo, contendo assim ela própria. Ante isto, a esta seria o modo mais acertado de congelamento temporal, por meio de um fragmento da realidade. Esse fragmento como uma possibilidade de acesso ao passado, cria assim uma espécie de janela temporal.

Retornando a fotografia da minha tia avó, nela todas as marcas possíveis de gestura do tempo estão presentes, mas a imagem ainda visível cria o portal para o início do século passado. 100 anos de diferença presos em um papel de 15x10 centímetros se mostram potentes para a reflexão da temporalidade e ancestralidade suscitado pela rememoração a partir de objetos como a fotografia. Demarca assim uma ideia de família ou ao menos o que se pretende guardar para o futuro, quase em uma ideia de cápsula do tempo.



Fotografia 10– Ano novo de 2003 na casa da família por parte de mãe.
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 11– Aniversário na casa da família por parte de mãe.
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 12– Natal na casa da família por parte de mãe.
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 13– Polaroids do meu aniversário de 3 anos na casa da família por parte de mãe.
Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 1– Aniversários. Fotomontagem em Canvas, 2024.
Fonte: Acervo Pessoal.



Esse interesse pela fotografia, justamente relaciona nossa intenção de salvaguardar a memória, de modo que a imagem pensante, acionando Etienne Saiman, articula diversos pensamentos através de sua existência, claramente por suscitar uma ou várias memórias.

Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante.” (SAIMAN, 2012)

Se abordarmos a fotografia nessa perspectiva, o gatilho disparado por determinadas imagens nos leva a momentos ímpares vividos ou mesmo ilustram situações muitas vezes especiais para o grupo de pessoas que compõe uma família. A partir do álbum, é possível tanto iniciar uma conversa memorial coletiva quanto recordar de forma intimista um ou diversos momentos. De modo particular, durante essa pesquisa, ao me deparar com algumas imagens até então inéditas para mim, a sensação de retorno àquele lugar se deu de forma tão potente a ponto de me permitir devanear com cheiros e memórias auditivas, a intensidade com que essa imagens, em especial fotografias que estavam em rolos de negativos que fui paulatinamente digitalizando de eventos de final de ano na casa da minha avó materna, me atingiram, foi de forma cortante, atravessando toda uma pré intencionalidade a partir dos momentos mais recentes vividos relacionado à partilha de bens e brigas judiciais. Me deparei com essas imagens na ansiedade e medo de rememorar de forma pesada e triste esses momentos tão especiais, quando de forma muito inesperada me percebi quase que revivendo aqueles natais e anos novos, de modo que me peguei rindo em diversos momentos e de fato viajando naquelas imagens “novas”. Portas e janelas do passando longe que quando minimamente acionado traz consigo uma complexidade de sentimentos.

Retorno então para Barthes, com uma passagem que ilustra bem esse quase retorno que a fotografia nos põe por meio das lembranças múltiplas nela congeladas:

ao contemplar, uma foto em que ela me aperta nos braços, quando eu era pequeno, posso despertar em mim a doçura do crepe da China e o perfume do pó-de-arroz.[...] E, diante da foto, tal como no sonho, é sempre o mesmo esforço, o mesmo trabalho de Sísifo: subir, tenso, até à essência, voltar a descer sem a ter contemplado e recomeçar.” (BARTHES, 2015 p.75).

Logo, percebe-se que a atração da fotografia com a memória é algo relacionado e de certo modo esperado quando trata-se de imagens com relação a quem as vê. Essa relação se torna mais forte quando feito esse exercício. Afinal a fotografia se ocupa do congelamento de um momento.

Por outro lado, quando diante de uma fotografia pessoal, estamos diante de uma infinidade de significações, muitas delas as quais nos moldam de forma intensa durante a vida. Às vezes diante de uma fotografia, mesmo que familiar, é possível nos causar alguma inconsistência a partir da interpretação memorialista de tal imagem. A partir do conceito do “Infamiliar” de Freud(2019), no qual nos apresenta a ideia de uma estranheza quase de horror a partir de uma imagem, aqui utilizo a imagem dada a temática abordada, mas pode ser qualquer objeto que represente algo que se tenta replicar, como por exemplo estátuas. O exemplo original são as estátuas dos deuses gregos, dupla de algo existente. Sua função inicial de replicar, de ser o “duplo” de algo que se tenta manter estável através do tempo, se remodela para algo que nos causa a dita estranheza, isso por que não os reconhecemos mais como fora intencionalmente criado.

A partir disso e fazendo um exercício do qual nós coloca Barthes em seu livro quando confrontado com a fotografia de sua mãe utilizo desse conceito para uma análise breve de uma fotografia minha, quando recém nascido, talvez a primeira fotografia existente minha, na qual diversos significados estão presentes, desde o pequeno tamanho daquele bebê prematuro, as roupas improvisadas de um boneco de pelúcia do desenho “piupiu”, dado o pequeno tamanho incomum.



Fotografia 14– Guido bebê com a roupa do piupiu.
Fonte: Acervo pessoal.

Essa fotografia me é quase que ordinária, por sua existência perene em minha vida, contrário é sua ação causada em mim, a qual não consigo de forma alguma me identificar com aquele ser, quase como se fosse qualquer outra coisa que não eu mesmo. Apesar de ser certo de que sou eu, aquele jamais serei eu.

Esse estranhamento com a representação do duplo, parte justamente de que o tempo e a memória, mesmo as implantadas, não estão sempre em consonância com o factual. É real, existiu e continua a existir a memória, lembrança bem como a fotografia (quando preservadas) mas de maneira alguma está comprometido com o fato ali retratado, dada a subjetivação da lembrança e suas camadas sobrepostas a partir das vivências e histórias.

Desse modo, a fotografia resgata o que fora vivido e retorna ao seu modo, no passado registrado. Isso ocorre também com as fotografias sociais, como de eventos importantes para dado grupo, assim como as particulares, isso porque o tempo, sempre abordado por poetas, é implacável, e tentamos de formas possíveis tentar vencê-lo.

A fotografia também, tal qual a poesia, se ocupa de trazer para seu interlocutor, de forma curta, uma variedade de significados (MONTEJO NAVAS, 2017). Dilatando dessa forma o tempo contido em si, ela se transforma em uma pequena fenda de vastas subjetivações, já que “a imagem fotográfica autoriza todas as leituras e releituras” (MONTEJO NAVAS, 2017), tal qual a poesia, sendo assim uma fotografia tanto quanto de lembrança, vive de significado e subjetivação para assim conseguir de alguma forma, e fugidia, vencer o tempo.

Acredito que o fazer artístico tem muito de intuição e nesse caso em específico, uma parte significativa de sentimento e subjetivação. Durante a pesquisa e criação das obras, uma sensação não me deixava sozinho, por mais que eu pensasse que tudo não passaria de uma criação quase asséptica, focada basicamente na estética que gostaria de criar, sempre a espreita uma tristeza e uma melancolia se faziam presente. Demorei bastante tempo para poder criar as imagens aqui contidas, pelo seu imenso significado que nem eu mesmo conseguia perceber.

Remexer o luto, a tragédia e a glória de dentro das minhas lembranças me trouxe de presente uma experiência de pura angústia. Desde o início, quando apenas selecionava as possíveis imagens a serem utilizadas, pareceu que realmente estava sendo a prova viva de que tudo que eu considerarei, toda a suposição da “viagem no tempo” a partir das fotografias, a qual

sempre abordei de forma quase canônica, como um postulado que apesar de aceito, dado os autores abordados, eu não experienciaria de forma mais profunda que uma simples lembrança. Pois engano meu, durante essa pesquisa, senti realmente retornando aos momentos mais felizes de um passado quase recente, cheguei a sentir o cheiro, lembrar dos detalhes fora imagem, algo arrebatador. Cheguei a chorar em muitos momentos, como se diante da imagem de todos os meus primos, meus avós e tias, por algum momento eu conseguiria entrar naquele pequeno retângulo e mais uma vez participar desse momento. A dificuldade sempre se encontrou nesse aspecto, encarar o passado, que te então repousava na lembrança como algo absolutamente terno e indissolúvel e não misturável com o que aconteceu depois de tais momentos, quando na verdade o exercício de lembrar e ressignificar era o mais duro e cruel.

A CRIAÇÃO

Para criar a poética presente, utilizei de uma ideia quase cinematográfica, como se os outros quadros seguintes de um filme se condensassem em um único quadro. Esse único quadro pode contar uma história de décadas, ou apenas um momento fugidio. As interpretações serão múltiplas, dadas as muitas camadas sobrepostas, essas representando situações, passagem de tempo, demarcações, sendo textuais ou mesmo apenas imagens. Busquei em algum momento que elas tivesse um verniz quase onírico, algo do mundo dos sonhos, lembrança embaralhada. A lembrança em forma de imagem.

Esse embaralhamento das memórias muitas vezes me fez ressignificar momentos ou mesmo buscar um entendimento maior de algumas situações não bem resolvidas. Acessar as fotografias me levou a esses momentos e foi o motor de todo o resultado. As obras são frutos de memórias vividas, memórias contadas e também memórias falsas, criadas como tapa buracos em uma narrativa que tento criar para saber no fim quem sou eu, onde estou e onde quero chegar.

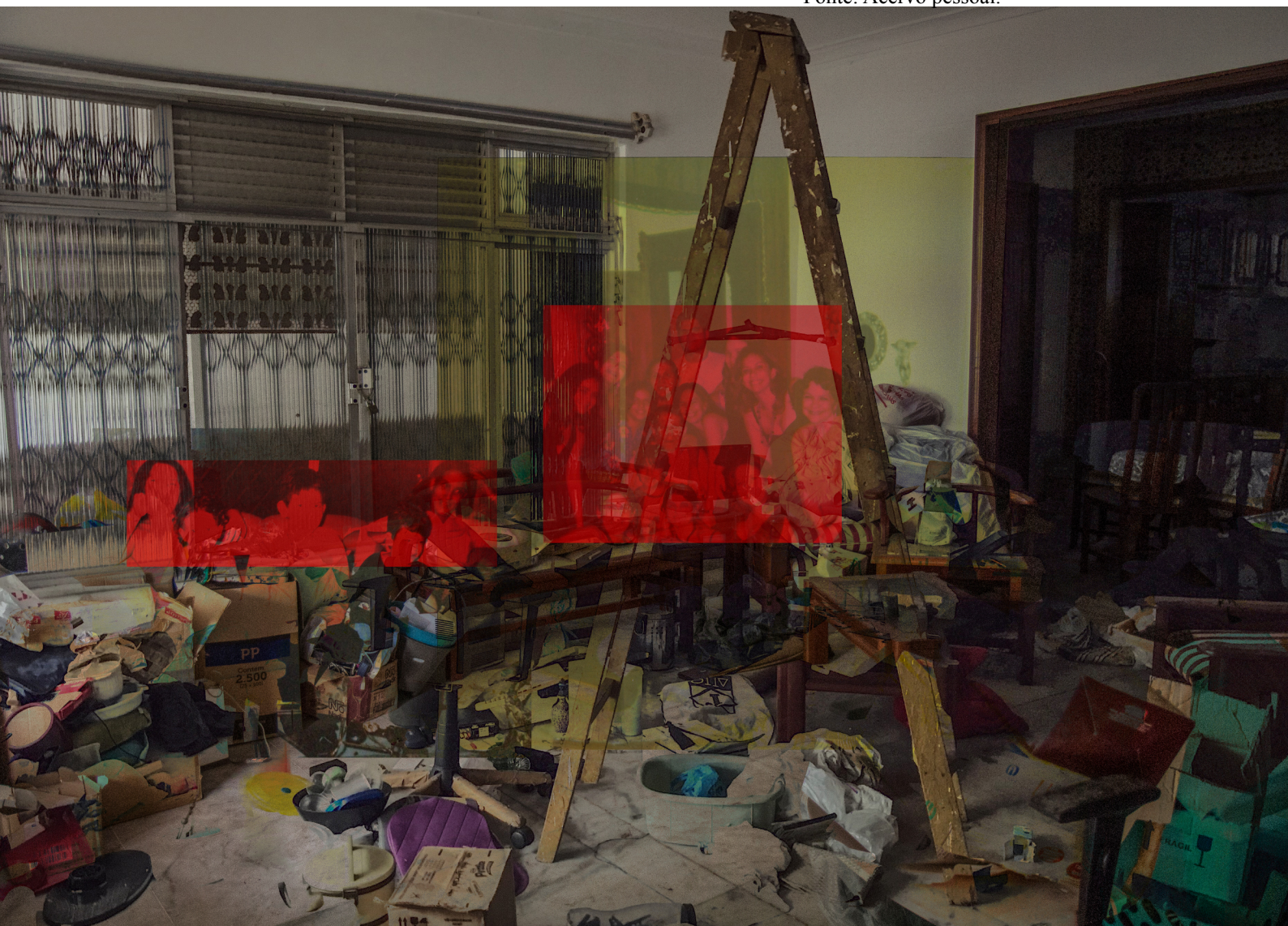
Essa primeira imagem, é talvez a mais importante de todo esse trabalho. Nela eu aglomerei a lembrança mais doce e infantil, de um momento vivido de plena alegria e paz, na casa da minha avó, onde tudo era possível, todos estavam presentes e tudo era feito para nós. Nessa casa eu vivi as minhas lembranças mais infantis e de plena segurança. Como um castelo que nos guarda dos perigos do mundo, um oásis de fartura e amor. Em contrapartida, esse local, físico, foi um dos primeiros e mais importantes espaços que deixei definitivamente de frequentar. Após a morte do meu avô em 2009, todos se mudaram da casa e a partir daí deixei de frequentar. Exceto por dois momentos que definiram de forma contundente o fim desse sonho infantil. O primeiro em 2019, dez anos após a morte do meu avô e do início do fim. Nesse ano, também minha avó já havia falecido, em 2013, e a casa então foi deixada de ser frequentada regularmente para manutenções. Com a morte da minha avó, iniciou-se o litígio pelos bens, e nesse momento de caos que a família vivia, visitei a casa, pela primeira vez desde 2010. Parecia que nada havia mudado, mas tudo estava fora de lugar. O cheiro permanecia o mesmo, madeira de mogno. O chão gelado de lajota e pedra, tudo no lugar, parecia que a qualquer momento podia passar pela porta minha avó e tudo retornar como sempre fora. Essa primeira visita, fomos no intuito justamente de registrar e resgatar possíveis documentos deixados etc. A segunda e última visita se deu em dezembro de 2020. Durante a pandemia, dessa vez nenhuma dúvida que tudo deixara de existir de vez. A casa tinha sido invadida, saqueada, corrompida como se parte da minha história tivesse sido remexida, destruída de fato.

Durante o momento que a casa estava ocupada por outras pessoas, nada daquilo que para mim representou um dia a felicidade tinha valor. Fotografias foram jogadas em meio ao lixo e fezes. Itens pessoais ainda da minha avó que restaram lá, junto com estilhaços de vidro, o fim se concretizou.

Nessa obra justamente essa dualidade que vivi nesse espaço, as lembranças de pura alegria e de total insegurança e violação.

É difícil para mim dissociar a fotografia dos retratos familiares. A presença constante e a permanência dele como algo imutável se fez presente em toda a minha existência com imagens as quais me encantei e encanto eternamente dia após dia. Essa perenidade com a qual a fotografia familiar descansa, suscita diversas reflexões acerca do tempo e da lembrança. A paralisação do tempo e da vida de certa forma traz um ar de permanência incorruptível (BAZIN, 1991, p.24) que me acompanha ao passar dos anos sempre com a certeza de que aquela pessoa existiu na minha história, seja de forma ativa como familiares que tive contato direto, seja de maneira ancestral deixando de alguma forma rastros genéticos e culturais.

Figura 2— A sala. Fotomontagem em Canvas, 2024
Fonte: Acervo pessoal.



Durante a feitura das obras, em momentos de mergulho profundo no acervo familiar, tive acesso ai sim a imagens nunca antes vistas por mim. Consegui acesso ao scanner de negativos do prof^o Orlando e revelei, para mim de forma conceitual e digital, imagens inéditas mas exatamente familiares. Essa atividade me possibilitou de forma mais ou a sensação de passagem do tempo, ora passado ora presente da vida e memória. Reviver momentos que muitas vezes não estava na minha lembrança de fácil acesso ou mesmo não falava sobre esse ocorrido, me fez viajar no tempo de forma quase paupável com alucinações de cheiros e um turbilhão de histórias passadas que vieram a tona. Derramei algumas lágrimas. Pensar que ali se mostraram momentos que jamais serão vividos novamente, claro, não somente pelo implacável movimento do tempo, mas sim pela inexistência de elementos fundamentais, pessoas e locais que hoje já não existem alem da lembrança de uma dúzia ou menos de pessoas que sequer passam mais de 2 horas juntas. Essa percepção quase catastrófica fica mais latente no momento em que a certeza do não retorno se impõe de forma imperativa. Ter acesso a essa sensação além do gatilho dessa pesquisa, anterior a toda essa experiencia, me confirmou a ideia proposta inicialmente. Sim, a fotografia consegue nós transportar de forma espectral para um passado as vezes mais longínquo que nossa própria existência.

Passando para outro lado da família. O meu lado por parte de pai tem uma história quase heróica de libaneses tentando a vida em outro país. De fato a colônia libanesa no Brasil é uma das maiores do mundo em termos de fluxo migratório, essa informação por si só já traz um caráter odissaico da coisa. Mas o acaso deixa tudo mais mágico. O fato de dois libaneses virem para a Amazônia no mesmo navio há mais de cem anos atras, e se conhecerem apenas anos depois pelo acaso transforma tudo em uma grande ficção da vida real. A imagem mais antiga de antepassados que eu tive acesso foi justamente dos meus bisavós com por volta de 20 anos, meu tataravó e minha tia avó mais velha, ela sendo então o elo daquela imagem a mim. Uma fotografia de 1923 com pessoa conhecida traz uma estranheza por parte do pertencimento, e nesse momento que consigo compreender o que sente Roland Barthes ao se deparar com a imagem da sua mãe e essa estranheza quase de horror, pelo duplo de alguém conhecido que porem jamais tivemos contato de fato. E quase uma trapaça com o tempo natural. Como eu, mais de 70 anos mais novo, consigo ver minha tia avó com seu 1 ano de vida? E ainda sim criar um laço dessa imagem com a minha história. Esse contato com imagens da familia do meu pai foi de certa forma mais brando que do outro lado. Meus avós seguem vivos e a casa permanece como rocha. Me é permitido a entrada nos locais presentes nessas imagens, claro jamais a entrada no local exato, mas no que restou ou se modificou de tal espaço. Uma especie de site specífc do cotidiano.

Essa permanência apesar da natureza finita das pessoas, me permite viver aquelas fotografias de forma mais curiosa e menos sofrida, até mesmo pela distância existente das imagens comigo (de certa forma coletei imagens mais antigas que da família da minha mãe) e por isso a atividade desse lado se mostrou de alguma forma mais fácil. Identificar pessoas em momentos inalcançáveis pra mim e num jogo infantil de descobrir quem é quem e incluindo essas próprias pessoas nesse jogo fez que tudo fosse ainda mais prazeroso. Entretanto, percebe-se também desse lado que o forjar das situações se mostra bastante presente.

Em posse do álbum de casamento dos meus avós, na imaginação a partir das imagens, marquei presença no evento e percebi de que maneira esse casamento que perdura até hoje, conseguiu ultrapassar situações conflituosas em mais de 60 anos. Conversando com minha avó, justamente sobre esse momento que pelas imagens se mostrou de forma fantástica, no sentido dos contos de fadas, os percalços da vida real tomam o lugar, com histórias contadas mesmo que de forma divertida e descontraída, mostram que aquele momento não foi o que parece pelas fotografias. Esse poder narrativo que a câmera nós dá também é uma responsabilidade grande para a história que se quer deixar de legado, e se o tempo permitir, essas histórias serão recontadas e descobriram a "farsa" narrada imageticamente.



Figura 3– Casamento. Fotomontagem em Canvas, 2024
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 15- Fotos do álbum de casamento.
Fonte: Acervo pessoal.

"Tirar uma foto eu tenho interesse pelas coisas como elas são pela permanência do status eu pelo menos enquanto for necessário para tirar uma boa foto está em cumplicidade com quem quer que torne um tema interessante e digno de fotografar até mesmo quando for esse o foco de interesse com a dor e a desgraça de outra pessoa" (SONTAG, 2004. pp. 23)

Susan Sontag em "Sobre a fotografia" abre essa discussão, de forma que a identificação dessas narrativas nem sempre reais não se faz fácil e muitas vezes é necessário adentrar de forma mais honesta nas histórias.

A fotografia tem esse poder também de criar falsas memórias e enredos, juntando ainda com a memória que é falha, recriamos os momentos ao nosso gosto, com toda nossa carga emocional traçando a linha lógica do passado à nossa vontade. Esse exercício muitas vezes chega a ser perigoso, mas no âmbito familiar, pode ser de interesse dos participantes.

Tenho por exemplo uma memória da casa de salinas dos meus avós por parte de mãe essa casa eu não tive contato com ela durante a minha vida porque eles venderam um pouco antes de eu começar a ter alguma ideia da vida eles venderam porque o meu avô a partir 2003 teve problemas neurológicos e acabou que não conseguia mais poder ir pra salinas né Então essa casa de salinas eles contavam muitas histórias dela porque é uma casa que existia desde a infância da minha mãe e então todos os meus tios foram minhas tias e meus primos também só que eu como caçula tive tenho poucas memórias dessa casa apesar de que com as histórias que me contavam juntando com imagens inclusive algumas que eu consegui ter acesso durante essa pesquisa eu consegui criar ou talvez recriar porque eu já estive na casa mas eu não me de fato Como era aquele lugar que é ambiente de tantas histórias e mesmo assim eu não me lembro mas com essas imagens eu consegui forjar uma memória e então criar essa narrativa talvez compor essa narrativa de forma mais plausível pra mim. Ao experimentar no momento da criação das obras eu estive diante de muitas imagens algumas mais antigas outras mais novas algumas com lembranças muito específicas outras com lembranças mais longe com as lembranças inventadas lembranças criadas e eu estive diante de todo esse material sem saber direito por onde começar Então eu fui tentando casar as imagens de forma com que ela estivesse alguma coisa associando umas as outras mesmo que fosse uma linha muito mais conceitual do que uma linha mais clara propriamente dita então algumas imagens eu consegui ligar elas E trazer uma ideia de lembrança de uma forma mais sombria eu acho que essas imagens são as mais preto e branco porque elas trazem realmente uma coisa mais introdutória da lembrança eu acho que a fotografia a gente também pode ter uma ideia do preto e branco na fotografia antiga então no acervo familiar também muitas imagens em preto e branco em cep Então eu trouxe essa estética do preto e branco com as imagens

que não necessariamente são as mais antigas trazendo uma ideia de introdução da minha pesquisa por que essas imagens ainda assim foram as primeiras que eu fiz ainda antes de entrar numa mestrado elas que foram O gatilho pra iniciar essa pesquisa essas imagens elas muitas vezes tem pessoas das minhas famílias as pessoas mais velhas da família e ela elas são de forma mais sombria por estarem mais Por serem menos fáceis de entender realmente a minha ideia era a pessoa parar e observar as imagens durante um tempo pra tentar criar algum sentimento. Outra fotografia muito importante que eu fiz experimentação nessa pesquisa é a fotografia da sala, acho ela uma das fotografias mais emblemáticas porque como eu citei anteriormente é a síntese de momentos felizes e momentos tristes, ela condensa de forma bastante firme o que foi e o que é a relação a minha família por parte de mãe e as minhas lembranças que foram muito boas em uma infância muito feliz que se acabou com a morte e então se transformou em uma situação que nada tinha a ver com o que tinha sido vivido ali então essas imagens que foram adicionadas juntas nessa obra da sala ela traz justamente essa força da tristeza e da destruição Junto com a alegria de momentos muito felizes no mesmo local vividos pelas mesmas pessoas a ideia do vermelho traz uma traz um sentido de sangue como uma destruição mesmo como a morte de um lugar quase sagrado.

Figura 4– Praias. Fotomontagem em Canvas, 2025.

Fonte: Acervo pessoal.





Fotografia 16– Foto do Natal com meu avô
Fonte: Acervo pessoal.



Fotografia 17– Foto de um dia qualquer com meu avô.
Fonte: Acervo pessoal.

Essas fotografias muitas vezes fazem parte de realidades que de fato foram vividas mas que por algum motivo se perderam às vezes por ser muito jovem no momento que se viveu então a lembrança não fixou Durante essa minha pesquisa eu fiquei em contato com algumas imagens que minhas muito infantis de quando eu era muito pequeno e tive acesso à imagem minhas com meu avô como eu falei meu avô a partir de 2003 teve alguns problemas neurológicos e acabou ficando acamado até 2009 Então debruçado sobre esse acervo tive contato com imagens dele brincando comigo absolutamente saudável e isso me tocou de forma muito especial porque de fato sempre tive um carinho muito grande apesar de não saber direito como ele é como ele era como era o seu jeito só realmente _ depoimento das pessoas Então vê essa imagem dele brincando comigo me trouxe a ideia de uma confirmação do que se diz sobre quem era essa pessoa e eu acho que a fotografia traz esse poder também de fazer a gente se reconectar com pessoas em situações passadas.

Ao retornar para o outro lado da família, a do meu pai, a persistente. Nela acredito que foi onde eu mais tive a experiência de retrato memória, quadro são espalhados pelas várias estantes da casa, se torna um santuário da família. Minha avó sempre fora de uma família com recursos, isso permitiu que além de algumas fotos, eu tivesse acesso sim a álbuns completos como o da viagem de lua de mel da minha bisavó, essa que faleceu no momento do parto da minha avó, uma história trágica que nunca tive coragem de investigar mais a fundo. Fato é que essas imagens assim como para mim tem um significado e uma relação muito mais baseada na narrativa do que na vivência, provavelmente tem a mesma base para minha avó, o que torna a fotografia cada vez mais potente no sentido de conectar o passado não vivido mas que de alguma forma faz parte do caminho até aqui. De certa forma é como uma viagem, a possibilidade de adentrar espaços não mais existentes.

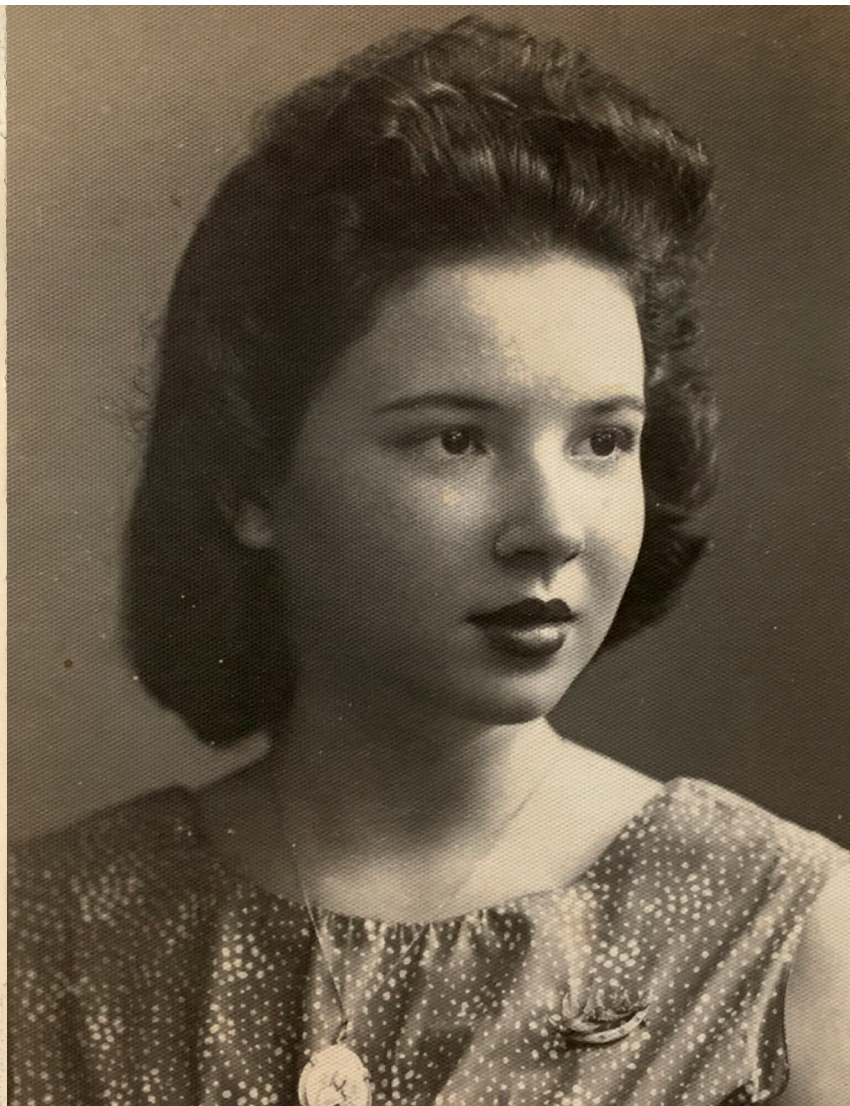
Há alguns anos, tive duas oportunidades de viajar a Santarém com meus avós paternos, minha avó Suely, a qual citei acima, viveu grande parte da sua “mocidade” na cidade Mococonga, sua avó, mãe da precocemente falecida mãe, era uma senhora de posses na cidade, dado esse fato, minha avó viveu momentos de muito conforto na cidade. À ocasião, muitas histórias me foram reveladas andando nas estreitas ruas do centro de Santarém até parar em frente a um casarão, colado à igreja matriz da cidade, hoje ocupado pelo museu da igreja. Naquela casa viveu minha tataravó. A experiência de ter um contato com uma parte tão anterior a mim da minha própria história me remete, guardada as devidas proporções, com a mesma experiência que tive ao me debruçar sobre tantas imagens e histórias. Tive acesso além de imagens, de textos, carta escrita citando toda a família, contando toda a história que pode ser facilmente ilustrada com pinturas antigas mas acima de tudo com a fotografia de cem anos atrás.

Essa mistura de sensações e fontes me fez perceber que a lembranças definitivamente não caberia apenas em uma imagem simples, mas sim em um embaralhado de camadas, essas que puderam vir de diferentes formas até mim e reverberaram também muito particularmente cada uma. Essa pluralidade torna mais difícil a decisão do que pode e o que deve estar ou não.

Por outro lado, tive a decisão de colocar de forma quase sagrada, e também de transição, os monóculos de bolos, essas fotografias de forma muito peculiar me fazem retornar na mais primária infância, em que tudo era simples e especial com o mais sutil estímulos.

Fotografia 18– Bisavôs, pais da vó Suely.
Fonte: Acervo pessoal.

Fotografia 19– Foto de 15 anos da vó Suely.
Fonte: Acervo pessoal.



CONCLUSÃO

Durante toda a pesquisa, ao passo que eu me reaproximava das minhas lembranças, mais distante eu me percebia delas. Quanto mais eu tentava reviver aquilo que eu sentia ou achava que senti em algum momento, mais eu me perdia nessa vã tentativa de reviver, porque o rememorar, a fotografia jamais conseguiria ultrapassar um fator tão concreto quanto abstrato: o tempo.

Apesar de todos os sentidos, toda a sinestesia experimentada durante a pesquisa, pelo mergulho profundo em diversos quadros e histórias, o tempo jamais voltou.

O infalível destino de tudo que existe, de tudo que vive ou viveu, mesmo após a morte, está condicionado ao tempo. Quando leio pelas palavras da Marisa Mokarzel, sobre a luz da fotografia do Miguel Chikaoka, não me escapa a ligação com o tempo. Tudo que tange a fotografia e a memória, os sentimentos e a existência tem que respeitar a constante do tempo, nele tudo se resguarda, tudo se desgasta. O imenso estranhamento com a natureza temporal do mundo. Se os planetas giram, o tempo existe, se os dias passam, se a luz marca o papel, para sempre, o tempo existe e se faz presente e notável. As lembranças e os esquecimentos, a ressignificação, tudo demanda o tempo.

E tudo muda, como já dizia um poeta (Ferreira Gullar)

“A vida muda como a cor dos frutos
lentamente
e para sempre
A vida muda como a flor em fruto
velozmente
A vida muda como a água em folhas
o sonho em luz elétrica
a rosa desembrulha do carbono
o pássaro da boca
mas
quando for tempo
E é tempo todo o tempo
mas
não basta um século para fazer a pétala
que um só minuto faz
ou não
mas
a vida muda
a vida muda o morto em multidão.”

Dentro da noite veloz (GULLAR, 2018)

É tempo todo tempo, e a vida muda, para sempre e sempre muda.

Ao revisitar tantas memórias histórias me vi encontrando não apenas os meus mas a mim mesmo, ou então a grande questão humana de onde viemos, eu vim daqui. De famílias plurais, que apenas pela probabilidade aleatória da vida puderam se encontrar, como todos nós aliais. Essa história, como tantos álbuns, se empresta de clichês e narrativas generalistas de histórias domésticas, mas sempre com particularidades que as tornam ao mesmo tempo únicas, como as vivências, e por que não, como as fotografias. Nossas crônicas pessoais, os mais infinitos contos fantásticos, fábulas com suas lições de moral no fim. Tão diversas como comuns, com temas gerais e muito compartilhados com todos que tiveram a sorte de poder contar sua história ao seu modo por meio de imagens tempos, da tentativa inútil mas muito eficaz de congelar o tempo, mesmo que um milésimo, mas com a quase total certeza de que não será corrompido pelo infalível tempo, mesmo que seja apenas uma miragem da realidade, no oásis das lembranças.

Em tempo, a fotografia me trouxe até aqui e ela também me despede do seu ofício. As lembranças me removem da solidão da escrita memorial e me dão de presente a reconexão acompanhada com o hoje em forma de amor. Amor de vó, quase perdido durante os muitos anos de uma vida, reencontrado pela ânsia de conhecer cada vez mais o que está pelas bordas da fotografia, justamente o não fotografado e muitas vezes o não dito.

Esse múltiplos efeitos que a lembrança em conjunto com a fotografia criam, despertaram a mais sincera curiosidade, a mais pura empatia com muitas personagens da minha vida, que por consequência, são tão reais e tão complexas, por serem humanas.

Em 2017 por iluminação ou mesmo pela intuição ainda primária da fotografia, criei pra mim uma crônica visual de família, uma narrativa de um dia de domingo, a série intitulada “Vivaz” pode ser considerada o estopim para tudo que veio adiante, nela justamente tratei dessa temporalidade da vida, de uma família longeva e que se frequentava. Essa será sempre para mim uma autorreferência de onde chegar, do que a fotografia doméstica é capaz de trazer de forma poética e muito sentimental.

No fim de tudo, o tempo, a fotografia familiar e a memória se resumem em um ponto convergente, o amor. O amor que perdura, que conserva, que é curioso e atento. Essa pesquisa se baseia no seu mais profundo motivo matriz que é o amor pelas pessoas que de alguma forma fazem parte de tudo isso aqui.

E mais uma vez invoco a poesia, tão afim à fotografia, como nós provoca Montejo Navas. Dessa vez com uma música do mestre Aldir Blanc. Resposta ao tempo:

“E o tempo se rói com inveja de mim
Me vigia querendo aprender
Como eu morro de amor
Pra tentar reviver”
(BLANC, 1998)

E de amor se revive pelas diversas ferramentas e a mais eficaz nisso tudo, a fotografia. E por isso a experiência aqui criada se mostrou de forma ímpar uma “eficácia” para o gatilho.

Durante a exposição das obras criadas a partir dessa pesquisa, tive uma agradável surpresa da conexão intensa de diversas pessoas sejam com um pré conhecimento de tudo que ali se expôs, seja pessoas alheias àquelas lembranças mas que foram tocadas pela generalidade doméstica da vida. E alguns ocorridos me marcaram profundamente, quando por exemplo minha prima, observando uma das obras, talvez uma das mais marcadas por amor puro, a “Mainha”, se pôs a chorar, aquilo representa não mais uma imagem ou uma simples fotografia, a tentativa de condensar tempos, memórias, sentimento criou assim uma imagem complexa, recheada de significados e ressignificados, diversos frames que pela limitação física, se completa de forma particular em cada um.

A intenção era essa. Que cada um possa ao seu modo, a partir do seu repertório, ter ali não somente a fruição artística, mas um momento puro de sentimento e experiência sensorial que se completa subjetivamente e que pode ou não se extravasar para outros sentidos, outras conversas e outras memórias. O poder da fotografia na intenção de elevar a particularidade subjetiva e sentimental. Uma crônica adensada em si que se transborda não para fora, mas pra dentro.

Não se tratou de técnica, apesar de ser importante para tal construção, mas de sentimento, de sensação. A obra veio para arrebatá-lo de alguma forma, tentando prender o maior tempo possível sua atenção aos menores detalhes, às diversas camadas, como uma boa conversa de domingo na casa da vó. Como um fim da tarde interminável que se inicia não no mesmo dia, mas anos antes. Como a vida, que apesar de qualquer coisa, segue.

Porque o tempo é infalível.

Fotografia 20– Fotos do aniversário de 3 anos.

Fonte: Acervo pessoal.





Figura 4– Pátio. Fotomontagem em Canvas, 2024
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5– Mainha. Fotomontagem em Canvas, 2025
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6–Fotomontagem. Sem título, 2025
Fonte: Acervo pessoal.

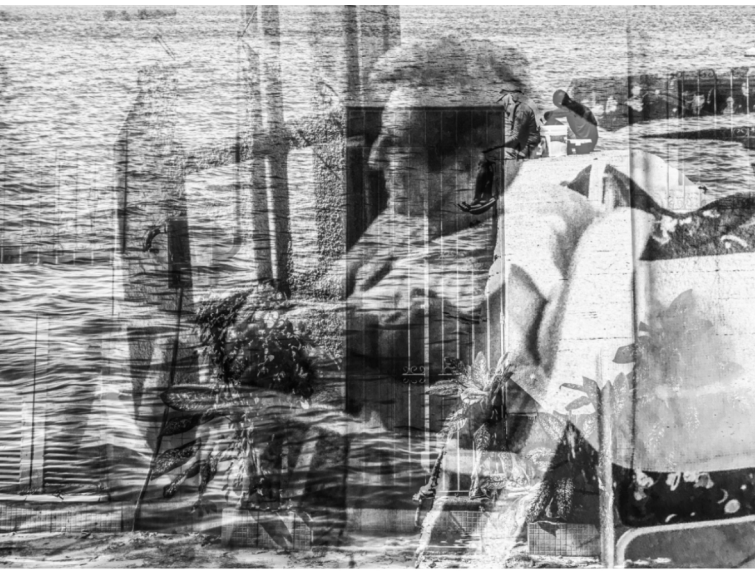




EU PENSO EM TI
COMO QUEM AMA PROFUNDAMENTE
COMO QUEM ANDA NO FIM DA TARDE
EM BUSCA DE ALGO QUE
POR NUNCA TER SIDO INVENTADO
SE DIKOT NA MEMÓRIA
ENQUANTO EU ANDO
PENSANDO EM TI

Figura 7—Avós. Fotomontagem em canvas, 2025

Fonte: Acervo pessoal.



Referências bibliográficas:

BAZIN, André. O Cinema. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia. Lisboa: Edições 70, 2015.

BLANC, Aldir; BASTOS, Cristovão. Resposta ao Tempo. Intérprete: Caymmi, Nana. No álbum: Resposta ao Tempo. Gravadora: EMI Music Brasil Ltda, 1998.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar [Das Unheimeliche]. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GULLAR, Ferreira. **Dentro da Noite Veloz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOKARZEL, Marisa. Navegante da luz: Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental. 1 ed. Belém: Kamara Kó Fotografias, 2014.

MONTEJO NAVAS, Adolfo. Fotografia & poesia (afinidades eletivas). São Paulo: Ubu Editora, 2017

SAIMAN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. VISUALIDADES, Goiânia, v.10, n.1, p. 151-164, jan-jun 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/23089/13635/0#:~:text=As%20fotografias%20s%C3%A3o%20mem%C3%B3rias%2C%20hist%C3%B3rias,escondem%20dentro%20de%20uma%20carteira..> Acesso em: 16 fev. 2023.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILELA, Eugénia. Do Testemunho. In: Princípios: Revista de Filosofia. Natal, v. 19, n. 31, p. 141-179, jan-jun 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7497>. Acesso em: 16 fev. 2023.